

# Vendas no comércio têm queda de 5,94%

O comércio do Distrito Federal está pagando a conta salgada da desvalorização do real combinada com alta dos juros. As vendas do setor recuaram 5,94% em março, em comparação com o mês anterior. Desde o início do ano, a queda da atividade comercial atinge 31,16%. O presidente da Federação do Comércio do Distrito Federal (Fecomércio), Sérgio Koffes, prevê que os índices devem continuar negativos, pelo menos, até julho. "A partir de agosto, esperamos uma recuperação das vendas, se os juros caírem de 8% para 4,5% ao mês", condiciona Koffes. Ele estima que as vendas devem cair entre 3% e 4% neste mês.

Dentro desse cenário pessimista, há uma boa notícia. A inadimplência do consumidor brasileiro caiu pela metade. Em março, 4,77% dos pagamentos ao comércio foram feitos em atraso, contra os 8,70% registrados em fevereiro. A principal causa da queda da inadimplência foi a opção preferencial pelas compras à vista (54,76% do volume pago), enquanto os cheques pré-datados responderam por apenas 17,90% das compras, os financiamentos, por 1,63%, e o cartão de crédito, que participou com 9,70%.

O consumidor atual é cauteloso e evita fazer novas dívidas, avalia Koffes ao dar como exemplo a venda de ovos de Páscoa. "No último final de semana, as lojas tiveram de dar descontos para não ficar com o estoque encalhado. As compras de ovos pequenos predominaram". As vendas nesta Páscoa foram 15% menores do que igual período do ano passado.

O ajuste do orçamento doméstico não impediu que os preços cobrados pelo comércio aumentassem 2,42% em março em comparação com fevereiro. Naquele mês, eles subiram 2,88% em relação a janeiro. Neste item, as perspectivas não são muito animadoras. Koffes teme que um novo reajuste de combustíveis, defendido pela Petrobras para este mês, possa forçar ainda mais os preços para cima.

Os segmentos comerciais que registraram maiores reajustes médios foram os de instrumentos musicais (18,68%) e as lojas de departamentos (17,35%). O primeiro, atingido pela alta do dólar, tornou os produtos mais caros, e o segundo, devido ao resultado negativo das vendas da linha branca (freezers, geladeiras e máquinas de lavar) e dos aparelhos eletroeletrônicos. Koffes entende que esses produtos de maior valor estão mais distantes da capacidade de compra do consumidor. Em contrapartida, as concessionárias de veículos comemoram crescimento de 6% das vendas em março sobre fevereiro, sustentado basicamente pelas vendas à vista.

No mês passado, o emprego encolheu 1,41%, quase o dobro da taxa de fevereiro. Esse salto não deverá se manter no curto e médio prazo, segundo Koffes. Ele argumenta que o contingente de trabalhadores no comércio tem se mantido estável nos últimos anos entre 104 mil e 108 mil. "Quando uma loja fecha, outra é aberta, compensando a perda de postos de trabalho".